



## A CONGREGAÇÃO MARIANA DA MOCIDADE ACADÊMICA NO RECIFE: UMA ATUAÇÃO RELIGIOSA, POLÍTICA E CULTURAL (1923-1946)

Eduardo Luiz Cavalcanti Campos<sup>1</sup>

Dr. Newton Darwin De Andrade Cabral<sup>2</sup>

### RESUMO

A laicização do Estado Brasileiro com a Proclamação da República (1890) acelerou o processo de romanização da Igreja Católica no País. Esse processo reavivou, dentre outras coisas, o poder do vigário, a valorização dos sacramentos e a rigidez estrutural da hierarquia eclesial. Diante disso, instituições como as Congregações Marianas, criadas após o Concílio de Trento, finalizado em 1563, reacenderam no Brasil. Em Pernambuco, a Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica (CMMA), estabelecida em 1924, no Recife, teve uma importante atuação naquele processo de romanização, influenciando os modelos pedagógicos e acadêmicos locais. Este trabalho representa a primeira fase de uma pesquisa patrocinada pelo PIBIC-UNICAP que busca compreender o papel dessa instituição no campo religioso, nos movimentos sociais e no desenrolar da política regional. Além de fortalecer o poder da Igreja Católica na cidade do Recife, essa Congregação promoveu movimentos em favor de uma moralização social, bem como participou ativamente da conjuntura política do período com seus ideais antiliberais e anticomunistas. O período recortado corresponde à chegada do Pe. Antonio Paulo Cyríaco Fernandes à capital pernambucana, em 1923, culminando na sua liderança frente à CMMA (1929-1946). Esse jesuíta contribuiu decisivamente para o fortalecimento da Congregação e foi, segundo afirmou o Prof. Itamar Vasconcelos, uma espécie de “guru” de algumas atividades administrativas e políticas do governo de Agamenon Magalhães, através de seus ex-discípulos. Pretende-se, por conseguinte, expor os primeiros resultados da pesquisa, essencialmente através de uma compilação bibliográfica a respeito do tema.

**Palavras-Chave:** Igreja, Modelos eclesiais, Poder.

### ABSTRACT

The laicization of Brazilian State with the Republic Proclamation (1890) accelerated the Romanization process of Catholic Church in Brazil. That process revived, among other things, the power of the vicar, the valorization of sacraments and the structural rigidity of the Church hierarchy. Thereby, institutions such as the Congregações Marianas, created in the Concílio de Trento, finished in 1563, rekindled in Brazil. In Pernambuco, the Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica (CMMA), established in 1924, in Recife, had an important performance in that process of Romanization, influencing the local pedagogical and academic models. This paper represents the first phase of a research, sponsored by PIBIC – UNICAP, which aims to understand the role of that institution in the religious sphere, in the social movements and in the development of regional politics. Besides strengthening the power of Catholic Church in Recife, that Congregação promoted movements in favor of a social moralization, also participated actively in political conjuncture of the time with your illiberal and anti-communist ideals. The defined period matches the arrival of Priest Antonio Cyriaco Fernandes in Recife, in 1923, culminating in his leadership ahead of CMMA (1929-1946). That jesuit contributed decisively to the

---

<sup>1</sup> Graduando em História (Licenciatura Plena) pela Universidade Católica de Pernambuco e em Direito (Bacharelado) pela Universidade Federal de Pernambuco. Bolsista do programa PIBIC-UNICAP. [eduardolcc91@gmail.com](mailto:eduardolcc91@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco e Professor Adjunto IV da Universidade Católica de Pernambuco. [newton@unicap.br](mailto:newton@unicap.br).



strengthening of the Congregação and he was, according to , a kind of “guru” of some administrative and political activities of Agamenon Magalhães government, by his former disciples. It is intended, then, to expose the first results of the research, mainly through a bibliographic compilation on the subject. Besides strengthening the power of Catholic Church in Recife, that Congregação promoted movements in favor of a social moralization, also participated actively in political conjuncture of the time with your illiberal and anti-communist ideals. The defined period matches the arrival of Priest Antonio Cyriaco Fernandes in Recife, in 1923, culminating in his leadership ahead of CMMA (1929-1946). That jesuit contributed decisively to the strengthening of the Congregação and he was, according to Prof. Itamar Vasconcelos, a kind of “guru” of some administrative and political activities of Agamenon Magalhães government, by his former disciples. It is intended, then, to expose the first results of the research, mainly through a bibliographic compilation on the subject.

**Keywords:** Church, Church models, Power.

## 1. INTRODUÇÃO

A História Oficial, fruto da filosofia Positivista, ainda muito influenciada pelas luzes da razão Iluminista, não entendeu a importância da religião para as modificações e permanências sociais. Da mesma forma, os seguidores do Marxismo enquanto metodologia histórica, também não lhe deram o devido valor (CARDOSO, 1997). O Método Histórico-Crítico foi o primeiro utilizado por historiadores, não necessariamente religiosos, para compreender as relações sociais criadas, em determinado momento histórico, pela religião. A grande mudança, entretanto, na perspectiva historiográfica, aparece no século XX, primeiramente com a *École des Annales*. Lucien Febvre buscou aliar uma visão social de História a seus múltiplos fenômenos sociais, entre eles a religião (MOTA, 1978).

Buscando preencher o hiato deixado pelos antigos historiadores em relação a uma História Social da Religião, muitas Universidades hoje possuem linhas de pesquisa voltadas a esse conhecimento. A Universidade Católica de Pernambuco, através de seu “Grupo de Estudos Transdisciplinares em História Social”, demonstra avanços nesse sentido. Uma das linhas de pesquisa procura (re)construir as relações sociais, políticas e culturais da religião com a sociedade pernambucana no início da História Republicana brasileira.

Este trabalho, especificamente, busca trazer os primeiros resultados do plano de trabalho “A Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica no Recife: uma atuação religiosa, política e cultural”, que faz parte do projeto de pesquisa “Igrejas e Sociedade no Brasil República: movimentos sociopolíticos e lideranças eclesiais, fase II”. As fontes aqui utilizadas são eminentemente bibliográficas, tendo em vista estarmos no início da pesquisa.

Os principais objetivos correspondem à historicização dos processos sociais ligados à Igreja Católica em Pernambuco nas décadas de 1920 a 1940. Mais especificamente, busca-se



compreender a importância da CMMA para a cultura pernambucana, na conjuntura política do Estado, na formação de intelectuais e de fiéis ao catolicismo.

Para tanto, faremos uma retrospectiva histórica à gênese das congregações ligadas à Companhia de Jesus, posteriormente denominadas marianas, e como elas chegaram ao Brasil. Após essas considerações, tentaremos sintetizar os processos que levaram à instalação da CMMA no Recife. A partir daí, é importante que se perceba a atuação do Padre Antonio Paulo Cyriaco Fernandes, SJ, para o fortalecimento da congregação e de outros movimentos católicos acontecidos no Recife, na época. Com isso, compreenderemos o papel dessa instituição para o Estado de Pernambuco nas décadas de 20, 30 e 40 do século XX.

## 2. DESENVOLVIMENTO DO TEMA

Os séculos XVI e XVII, na Europa, representaram um período de extrema mudança nas estruturas sociais, culturais, econômicas, políticas e religiosas. Na filosofia e nas ciências, nota-se a crise da Escolástica. É o período do Renascimento cultural e da Reforma Protestante e seu relativo sucesso. Contra essa ruptura na religião cristã, a Igreja Católica se reúne no Concílio de Trento, que vem a termo em 1563, quando já estava programada a Reconquista Católica. “Roma voltou a ser o centro da evangelização ativa e os Papas deram a conhecer sua ‘nova monarquia’ como modelo político-social” (MAIA, 1992, p. 26).

Os principais pontos da Contrarreforma foram: a Inquisição Romana (1542), o Santo Ofício e o Índice. Os grandes artífices dessa Reconquista foram, sem dúvida, os jesuítas. A Companhia de Jesus havia sido fundada em 1540 e, com ela, forma-se uma Civilização de combate. A principal arma utilizada pelos jesuítas, no combate ao protestantismo, foi a pedagogia. Como, então, trazer elementos católicos que conseguissem evangelizar os infieis? A grande resposta estava na figura daquela que está entre o humano e o divino, que não é apenas Mãe de Deus, mas também Mãe de todos: Maria. Para isso, não se podia restringir à Europa. Era preciso ganhar o Novo Mundo. Nesse processo, o Brasil-Colônia sofreu forte influência dessa perspectiva.

Como os jesuítas conheciam a vida cotidiana dos fiéis e eram ligados aos colégios, reuniram jovens, em especial, em associações nas quais aprendiam os princípios em que se baseou o Concílio de Trento. Essas associações são os primeiros delineamentos do que vem a ser uma Congregação Mariana.

Os congregados lutam pela Virgem contra os protestantes. São verdadeiros cruzados. Dentro das instalações, se confessam toda semana, comungam mensalmente, realizam festas para a Virgem e para Jesus. Lá se fomentava a oração, em especial, o terço, e o mínimo de meditação diária. Era estimulada a flagelação em público ou em particular. A vida pública era cuidadosamente regulada (MAIA, 1992, p. 31 – 34).

A Congregação Mariana é um centro de evangelização, é o lugar onde os congregados aprendem e vivenciam sua fé cristã e católica. Desse centro, eles levam a prática para suas famílias e, de suas famílias, para a sociedade. Com o processo de romanização, esses princípios voltam a ganhar força, motivo pelo qual o Brasil-República é um ambiente propício ao florescimento dessas instituições.

Diante disso, convém destacar os princípios fundamentais de uma Congregação Mariana, percebendo, entretanto, diferentemente dos estruturalistas, que cada uma, em cada contexto, teve suas peculiaridades. São eles:

- a Congregação é eminentemente missionária;
- o tempo é regulado de maneira equivalente para todos e é vigiado pelo “exame de consciência”;
- as meditações são vedadas, a imaginação é dominada e a hierarquia interna é valorizada;
- a penitência é bastante comum;
- procissões, romarias e festas cristãs são constantes;
- os congregados não são revolucionários, mas buscam transformar o mundo, praticam a caridade;
- são verdadeiros cruzados em defesa do modelo de ser humano: Maria;
- sempre buscam valorizar o matrimônio e a família;
- as congregações são marcadas pelas atitudes coletivas na vida religiosa;
- contribuem para unir a teologia à religiosidade popular;
- fomentam o culto às procissões, à Via Sacra, à Santa Casa do Loreto, aos santuários, especialmente os voltados à Virgem.

Ao longo da História, ela foi acumulando outras funções e concepções, mas sempre atuou em torno dos princípios supracitados. O anticomunismo, a partir do século XIX, por exemplo, tornou-se uma constante nas Congregações Marianas. Por isso mesmo foi, por alguns analistas, matizada de fascista (MAIA, 1992, p. 66). Outra característica importante

dessas instituições é que, em geral, elas estão ligadas a um ambiente de ensino, seja acadêmico ou não.

Com o Iluminismo, as associações perderam a força que tinham no período contrarreformista, mas permaneceram vivas. A filosofia positivista e os seus ideais republicanos contribuíram ainda mais para a decadência dessas instituições na Europa.

Um episódio que convém destacar, diretamente relacionado com a afirmação acima, foi a expulsão dos jesuítas do Brasil, no século XVIII, pelo Marquês de Pombal. A partir daí, eles se instalaram novamente em Portugal, de onde foram expulsos na primeira década do século XX. Para onde ir?

Um país como o Brasil, com tantas afinidades culturais e linguísticas, ofereceu extraordinárias vantagens aos jesuítas exilados. [...] Visto que a Província Portuguesa sempre teve uma tradição de missões, não surpreende que, já em 1890, enviasse missionários para Macau, Goa e Zambésia. [...] Considerando que as chamadas missões foram em áreas já atingidas pela cultura portuguesa, seria estranho que a Província não tivesse escolhido o Brasil, também, como missão. (AZEVEDO, 1986, p. 7)

O desembarque no Brasil não foi nada fácil. Primeiramente, foi vedada pelo Governo Federal (Nilo Peçanha) a entrada dos jesuítas. Entrou-se, então, com um *habeas corpus* em favor dos jesuítas, que foi negado pelo juiz da 2ª Vara Federal. Entretanto, graças ao apoio de alguns senadores, o Supremo Tribunal Federal decidiu por deferir o *habeas corpus*. Assim, estava legalizada a entrada dos jesuítas no Brasil.

Eles se dividiram pelo território nacional. Naquela divisão, coube ao Pe. Antônio Menezes a função de Superior da Missão Brasileira Setentrional da Província Portuguesa. Os Estados abrangidos foram Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas, uma área quarenta e seis vezes maior do que Portugal continental (AZEVEDO, 1986, p. 16).

No Brasil, cinco tipos de atividade compunham o perfil do militante congregado:

1. Atividades anticomunismo!
2. Magníficas paradas de Fé.
3. Retiros fechados durante o Carnaval
4. Atividades Sociais.
5. Congregações Femininas. (MAIA, 1992, p. 67).

O Estado em que, primeiramente, os jesuítas se instalaram foi o da Bahia. Lá, eles participaram ativamente da vida intelectual e religiosa dos cidadãos baianos. A pedagogia, como principal meio de combate a tudo que era anti-católico, ainda era a bandeira da Companhia de Jesus. Dessa maneira, houve a fundação do Colégio Antônio Vieira, importante centro jesuítico na formação da cultura católica local. Formaram-se lá ilustres



baianos, como Pedro Calmon, Thales de Azevedo, Anísio Teixeira e Jorge Amado. Este, apesar de sua obra “não muito católica”, considerou de extrema importância para sua formação cultural os ensinamentos daquele colégio.

Diversas associações estudantis foram criadas naquela instituição de ensino, inclusive a Congregação Mariana Acadêmica. Os principais temas discutidos, inicialmente, nas reuniões da CMA baiana foram o evolucionismo, a industrialização brasileira, a orientação da mocidade contemporânea, a influência dos jesuítas, dentre outros (AZEVEDO, 1986, p. 71).

Em pouco tempo, ela tinha crescido para muito além daqueles cinco temas. A principal liderança naquele momento foi a do Pe. Luís Gonzaga Cabral. Ela oferecia aos estudantes um ambiente de estudo com gabinetes de leitura e a promoção de sessões literárias, uma educação religiosa e social, um desenvolvimento físico, higiênico e rural, assistência médica gratuita. Diante disso, nota-se a contribuição da CMA para a sociedade baiana.

Em Pernambuco, apesar de grandes semelhanças, a CMMA ganhou um contorno político mais influente. Aqui, a história foi um pouco diferente. Houve, nas duas primeiras décadas do século XX, dois Congressos Católicos em Pernambuco. Neles, defendeu-se a instalação de uma Congregação Mariana em Recife. O Colégio jesuíta pernambucano – fundado em 1917, no Palácio da Soledade, em Recife – era o Nóbrega e, por sugestão de Dom Miguel de Lima Valverde, então arcebispo, lá foi instalada a CMMA, em 30 de março de 1924, sob a direção do Pe. Antonio de Magalhães. Na inauguração, o Pe. Cabral, de Salvador, presidiu a primeira sessão (AZEVEDO, 1986, p. 127).

Para garantir o futuro da juventude pernambucana e assegurar a fé católica, alguns bispos defendiam, fervorosamente, a ideia de uma Universidade católica (CABRAL, 2009, p. 26-8). Esse sonho só viria a ser concretizado, entretanto, na década de 1940. Todavia, um ambiente acadêmico já estava sendo formado antes mesmo de sua fundação. Para isso, contribuíram diversos movimentos católicos no Estado, cujos ideais pareciam emanados da CMMA.

O Pe. Magalhães dirigiu a CMMA até 1927, quando foi sucedido pelo Pe. Raul Chorão. Em 1929, a Congregação parecia estar morta. Alguns acontecimentos se seguiram, até que o Pe. Antonio Paulo Cyriaco Fernandes, apoiado pelos alunos da Liga para a Restauração dos Ideais, por ele presidida, assumiu seu controle (AZEVEDO, 1986, p. 131-2).

Como vem sendo demonstrado ao longo da explanação, a CMMA não se restringiu à formação religiosa. Ela contribuiu decisivamente para a formação política e cultural de grandes intelectuais pernambucanos. Luiz Delgado, Manoel Lubambo, Nilo Pereira, Ruy Ayres Bello e Willy Lewin são apenas alguns exemplos. Lubambo se destacou por ser editor



da Revista *Fronteiras*, publicação que, em seus artigos, evidencia o pensamento político e religioso dos congregados. A exemplo das revistas editadas na CMA baiana, a *Fronteiras* não poupou esforços em condenar práticas comunistas e não-católicas, além de se preocupar com assuntos acadêmicos.

A Congregação possuía uma vasta biblioteca, com exemplares principalmente de autores franceses. Os alunos do Colégio Nóbrega tinham livre acesso ao acervo, embora não fosse restrito a eles. Vários outros estudantes, como os da Faculdade de Direito do Recife, muito aprenderam por lá. Sempre havia reuniões entre os congregados, e eles debatiam suas ideias e a maneira como concretizá-las.

Além de ensinar os preceitos da religião católica para católicos de berço, as ações dos congregados serviram à conversão de muitos protestantes. Severino Lira, Arnóbio Tenório Wanderley e José Maria Carneiro de Albuquerque foram alguns exemplos.

Entretanto, a cultura intelectual e a religiosa não eram as únicas valorizadas pelos congregados. Eles praticavam esportes, principalmente o voleibol e o tênis, a fim de valorizar a cultura física. Nesse sentido, o Pe. Fernandes fundou a Associação Desportiva Acadêmica, que tinha alguns campos para os jogos. O terreno utilizado era do próprio Colégio Nóbrega (CABRAL, 2009, p. 169-75).

Episódio interessante a ser destacado foi a criação de um Departamento que visava, assim como ocorreu com alguns grupos religiosos do Rio de Janeiro, a implantação do ensino religioso nas escolas públicas. O movimento se intitulou de “União Nacional Católica por Deus e pela Pátria” (*U.N.C.D.P.*). Os *brigadistas* saíam pelas ruas do Recife, entoando o *hino de guerra* da entidade: “Avante por Cristo/Que é nosso Rei/Que impere na Pátria/Jesus e sua Lei”. A Maçonaria, diante do movimento, convocou alguns congregados para uma audiência pública em que se discutisse o tema, e eles compareceram! Durante a reunião, alguns congregados entenderam que houve uma ofensa à Campanha. Na confusão formada, houve trocas de tapas e empurrões até a Rua Formosa, atual Conde da Boa Vista. Posteriormente, o presidente Getúlio Vargas decretou a existência de ensino religioso em escolas públicas (FERREIRA, 2001, p. 15-6).

Na comemoração do tricentenário de Maurício de Nassau (1937), houve uma pequena confusão também, desta feita na Assembleia Legislativa. Como se sabe, ele era protestante e o Pe. Fernandes sempre ensinou aos congregados que as modernizações feitas por ele, bem como a “liberdade religiosa” que pregava, no Recife, eram tentativas de massificar o



protestantismo. Assim, o congregado Ruy Ayres Bello e outros travaram, com os defensores de Nassau, um pequeno confronto ideológico<sup>3</sup>.

Era grande a influência do Pe. Fernandes sobre seus congregados, como se pode observar diante do episódio acima citado. Ele tinha um espírito de liderança e de organização muito forte. Intransigente com erros, era considerado extremamente corporativista e conservador. Além de liderar a CMMA, participava ativamente de quase todas as atividades importantes da Igreja em Recife. No campo ideológico, era contra tudo que não fosse católico. Desprezava o protestantismo e as religiões afro-descendentes. Era um baluarte nas lutas contra o comunismo. Tinha inspiração muito forte da ditadura de Salazar e admirava seus ideais conservadores.

Deve-se destacar aqui que ele não simpatizava com os ideais humanísticos do filósofo francês Jacques Maritain. É certo que a biblioteca da CMMA possuía grande parte da obra desse autor e que seus ensinamentos católicos eram um modelo para os congregados. Em um livro específico, entretanto, em que falava sobre a Guerra Civil Espanhola, Maritain não foi enfático em condenar as condutas comunistas. Esse fato, aliado a outros pequenos atritos, deu ensejo a críticas do Pe. Fernandes ao filósofo. Chegou a dizer aos congregados, segundo José Rafael de Menezes, que iriam arder no inferno se o lessem. De acordo com esse escritor, apesar de indiano e se parecer com Gandhi, o jesuíta era o oposto do humanista, um anti-Gandhi<sup>4</sup>. Diz também que o Pe. Fernandes, em determinada ocasião, havia ordenado que fossem queimados os exemplares de *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, por discordar de suas ideias. Por fim, completa suas lembranças: “Tudo era em torno do padre Fernandes. Não me creio [*sic*] que ele fosse um homem inteligente. Fazia uma certa figuração de penitência, rejeitava beber água certos dias. Era estranho” (FERREIRA, 2001, p. 51).

A personalidade desse líder mostra a viabilidade da grande influência que exerceu no Estado de Pernambuco. Agamenon Magalhães considerava os ideais do Pe. Fernandes os necessários para adequar a política pernambucana ao Governo Central (varguista). O interventor pernambucano entendia que as Secretarias de Estado deveriam ser mais políticas do que técnicas. Dessa forma, priorizar personalidades locais, afinadas com uma perspectiva católica, corporativista, anticomunista, era uma meta. Lugar melhor não havia com essas características do que a Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica.

---

<sup>3</sup> Vejam-se, nesse sentido, os debates do dia 21 de janeiro de 1937, na Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco.

<sup>4</sup> Essa opinião decorre do fato de que o Pe. Fernandes não era nem um pouco pacifista como o líder indiano, mas comprava brigas em defesa do que defendia.



Ou seja, o secretariado escolhido é composto, na sua maioria, por jovens católicos, oriundos da Congregação Mariana: Manoel Lubambo ocupa a pasta da Fazenda, Etelvino Lins a da Segurança, Apolônio Sales a da Agricultura, Arnóbio Tenório Wanderley a da Secretaria de Governo e Nilo Pereira o Departamento de Educação. (PANDOLFI, 1984, p. 48).

O Brasil, ao entrar no Estado Novo, adotou a Cartilha Salazarista como modelo de educação. Sendo assim, amar a Deus, à Pátria e à Família era a ideologia dominante. Não foi diferente em Pernambuco. Agamenon entendia que um dos principais papéis do Estado era estabelecer a maneira de agir e pensar que preponderaria na sociedade.

Há de se notar que também outras pequenas correntes políticas irradiavam da CMMA. Alguns, como Luiz Delgado, pregavam a volta da monarquia. Outros, porém, seguindo Plínio Salgado, defendiam a Aliança Integralista Brasileira. Como o Pe. Fernandes simpatizava com essa última corrente, é bem possível que alguns dos seus ideais tivessem advindo daí.

Ao entender que a juventude, em geral, era alienada politicamente e que não tinha boa formação católica, alguns congregados arquitetaram a Liga Eleitoral Católica. Ela foi fundada em 1932 e não se definiu como um partido católico, apesar de indicar aos eleitores candidatos favoráveis aos interesses católicos. Não se pode negar que ela sofreu grande influência do Pe. Fernandes (AZEVEDO, 1986, p. 136).

A Segunda República motivou ainda mais os setores católicos, com o cardeal Leme, do Rio de Janeiro, inspirando a criação da Liga Eleitoral Católica para realizar uma ampla campanha doutrinária sobre a importância do voto e o dever de exercê-lo conscientemente e selecionar os candidatos que defendessem a consciência católica. A LEC era dirigida, no País, por Alceu Amoroso Lima. Em Pernambuco, a direção geral era exercida por Andrade Bezerra. Na secretaria-geral, Luiz Delgado; na secretaria, Clodoaldo de Oliveira; na tesouraria, José Tavares Neto e como vogais, Apolônio Sales e Ruy de Ayres Bello (FERREIRA, 2001, p. 16).

No campo religioso, pode-se dizer que a CMMA surgiu num momento de aceleração do processo de romanização.

A partir do Pontificado do Papa Pio IX (1846 – 1878), a Igreja começou a vivenciar um processo conhecido como romanização. Tratava-se de considerar como modelo eclesial válido um que tivesse como traços essenciais a espiritualidade centrada na prática dos sacramentos, o senso de hierarquia eclesial e a preocupação com a doutrinação (CABRAL, 2009, p. 161).

Nota-se, claramente, essas características na Congregação, sob a égide do Pe. Fernandes. Ele tinha uma preocupação em doutrinar, ensinar os congregados a lutar pela religião católica. Nesse sentido, reaparece a ideia inicial de que o congregado é um verdadeiro cruzado em defesa da Igreja e da Virgem. Ademais, mantinha na CMMA uma estrutura hierárquica bem organizada.



Como nas Congregações da época da Contrarreforma, houve a prática de caridade. Há registros de assistência médica gratuita. Também se percebe o fomento de muitas festas, em especial de procissões em homenagem a Maria. Existiram algumas que extrapolaram o âmbito do Estado, como a que homenageou Nossa Senhora do Carmo. “A Virgem do Carmo peregrina o Brasil inteiro. Tempo algum em nossa história mariana assistiu a tal ‘missão de Maria’: Partiu do Recife a estátua de Nossa Senhora Mãe Celeste, embrenhou-se pelo nosso sertão, percorreu de ponta a ponta a terra de Santa Cruz” (MAIA, 1992, p.76-7).

Diante disso, percebe-se que a CMMA no Recife não perdeu o caráter fundamental das Congregações Marianas, mas a ele agregou diversas atuações. Essas atuações, sem dúvida, contribuíram para a formação histórica do Estado de Pernambuco e do Brasil.

### 3- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A área da história que estuda as relações sociais em torno das instituições religiosas e das lideranças eclesiais é recente. Na verdade, ela decorre da ruptura da filosofia cartesiana que categorizava o conhecimento. A partir das novas perspectivas, notou-se que o conhecimento só é construído com eficiência se percebido em seus diversos liames. Logo, a interdisciplinaridade entre as Ciências da Religião e a História é um ponto a ser valorizado na Academia. A maior contribuição dessa àquela é com a historicização dos fenômenos religiosos e a percepção de seus impactos no seio social.

O caso da Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica no Recife evidencia esse novo aspecto de pesquisa em História, uma vez que, a partir dela, inúmeras redes de conhecimento podem ser levantadas. Evidentemente, ela surgiu num contexto espaço-temporal que influenciou suas ricas relações sociais. Como toda congregação mariana, contribuiu para a união da religiosidade institucionalizada com a popular, através de procissões, festas, entre outras atividades. Também fortaleceu a ligação dos fieis com a Igreja e na conversão de infieis. Como já mencionado, o congregado era um cruzado em defesa da Virgem, que representa um modelo ideal de ser humano.

Além da atuação religiosa, também teve nítida influência política no governo de Agamenon e na sociedade estadonovista pernambucana. Como foi analisado oportunamente, o interventor retirou seus secretários especialmente da CMMA, pois nela enxergava as práticas indispensáveis para reforçar seu pensamento católico, antilberal e anticomunista.



Não se pode falar nessa Congregação sem mencionar a forte atuação do Pe. Antonio Paulo Cyriaco Fernandes, que a comandou como uma fortaleza em defesa dos seus ideais. Além de formar os congregados nos preceitos católicos e missionários, como um verdadeiro jesuíta, ele estimulou a prática de esportes para a formação de uma juventude sadia. Ademais, das reuniões saíram alguns dentre os grandes intelectuais pernambucanos da época. Muitos deles se tornaram políticos e, dessa forma, se percebe que uma instituição religiosa pode ser um epicentro de onde saem diversas relações que, como no caso estudado, contribuíram para a formação pernambucana.

Diante do exposto, fica claro que a CMMA no Recife contribuiu decisivamente na formação de mentalidade dos que foram por ela atingidos, tendo na religião católica e nos preceitos missionários e de evangelização seu ponto fundamental. Além de uma atuação religiosa, ela teve grande atuação política e cultural.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ferdinand. **A Missão Portuguesa da Companhia de Jesus no Nordeste, 1911-1936**. Recife: Fundação Antonio dos Santos Abranches, 1986.

\_\_\_\_\_. **Procurando sua identidade**: a difícil trajetória da Vice-província do Brasil Setentrional da Companhia de Jesus nos anos 1937 a 1952. Recife: Fundação Antonio dos Santos Abranches, 2006.

CABRAL, Newton Darwin de Andrade. **Memórias de um cotidiano escolar**: Universidade Católica de Pernambuco, 1943-1956. Recife: Fundação Antonio dos Santos Abranches, 2009.

CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo. **Os domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FERREIRA, Eduardo. **Ruy de Ayres Bello**: do engenho à Academia. Recife: Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco, 2001. 63 p. (Perfil Parlamentar Século XX).

MAIA, Pedro Américo. **História das Congregações Marianas no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1992.

MOTA, Carlos Guilherme (Org.). **Lucien Febvre**: história. São Paulo: Ática, 1978.

PANDOLFI, Dulce Chaves. **Pernambuco de Agamenon Magalhães**: consolidação e crise de uma elite política. Recife: Editora Massangana, 1984.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil**: de Getúlio a Castelo. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

